

# Hackeando o Futuro: Educação Popular e Novas Tecnologias no Empoderamento de Periferias

## 1. Informações sobre a atividade

- a. **Título:** Hackeando o Futuro: Educação Popular e Novas Tecnologias no Empoderamento de Periferias
- b. **Tema:** Governança democrática e colaborativa
- c. **Resumo:** Como a educação popular e as novas tecnologias podem se unir para reconfigurar o cenário das periferias? A proposta desta mesa vai além da inclusão digital, questionando quem detém o controle sobre a tecnologia e como as regiões periféricas podem não apenas acessar, mas também criar e adaptar ferramentas tecnológicas. O debate propõe discutir a co-criação de soluções tecnológicas e a subversão de estruturas de poder, promovendo a autonomia tecnológica como forma de transformação social.
- d. **Componentes do painel:**

Nome	Função	Setor	Região	Descrição
Milena Cramar Lôndero	Moderação	Comunidade científica e tecnológica	Sul	Advogada e pesquisadora. Mestranda em Direitos Humanos na PPGD/UFPR. Alumnus do Programa Youth Brasil 2023 e 2024. Atuou como pesquisadora e consultora no desenvolvimento da Estratégia Nacional de Conectividade Significativa, da Iniciativa Local Networks, representando a Internet Society Capítulo Brasil (ISOC Brasil). Pesquisadora do Grupo de Trabalho de Conectividade Significativa da ISOC Brasil. Faz parte do movimento de educação popular Esperança Garcia.
Georgia Eduarda Fernandes Rodrigues	Relatora	Terceiro Setor	Norte	Georgia Rodrigues é advogada, biomédica, pesquisadora, pós graduanda em Direitos Humanos e Direito das Mulheres (i9 Educação) e Direito para Carreira da Magistratura (EMERON), durante a sua graduação fez parte de Comissões Acadêmicas de Ensino (CADOM e CAEB). Atualmente é Mentora no Projeto Tecno Ancestral e pesquisadora do Centro de Pesquisa e Ativismo de Rondônia sobre Tecnologia, Estado e Biodiversidade (C-PARTES).
Vitória Santos	Palestrante	Comunidade científica e tecnológica	Sudeste	Vitória Santos é cientista social, mestranda em Sociologia e Antropologia pela UFRJ e pesquisadora no Laboratório de Estudos Digitais (LED/UFRJ). Atuou como pesquisadora e consultora no desenvolvimento da Estratégia Nacional de Conectividade Significativa, da iniciativa Local Networks, representando a Internet Society Capítulo Brasil (ISOC Brasil), organização da qual é membro desde 2023. Foi coordenadora e professora de um projeto de educação popular da UNESP por quatro



				anos. Atualmente, é pesquisadora do Instituto de Referência em Internet e Sociedade (IRIS-BH).
Brisa Silva Bracchi	Palestrante	Governamental	Nordeste	Brisa Bracchi é a mulher mais jovem da história de Natal a ser eleita para a Câmara Municipal, reeleita em 2024. Historiadora pela UFRN. Feminista e militante da Marcha Mundial das Mulheres e do Enegrecer. Em seu primeiro mandato, foi a vereadora mais produtiva de 2021 e recebeu o Prêmio Parlamentar Destaque 2022. Constrói a campanha “Tire Meu Rosto da Sua Mira” pelo banimento do reconhecimento facial na segurança pública desde 2022.
João Pedro Megid Carrilho	Palestrante	Empresarial	Sul	João Pedro Megid Carrilho é empreendedor social e especialista em Inteligência Artificial, com mais de 7 anos de experiência na área. Foi Chefe de Tecnologia da Nindoo.ai, startup acelerada pelo Facebook e Artemisia, e Líder de Tecnologia na YDUQS. Desde 2021, é fundador da CORRE.SOCIAL, desenvolvendo soluções tecnológicas para impacto social, políticas públicas e gestão de dados. O CORRE é um empreendimento social cujo objetivo é auxiliar pessoas com vulnerabilidade, projetos sociais e políticas públicas a recolherem dados e acompanharem seus beneficiados de forma descomplicada, ajudando a melhorar estes programas/políticas com uma inteligência artificial única para cada projeto. O projeto já recebeu investimentos da Secretaria de Inovação do Paraná e segue na construção de assistentes inteligentes para inclusão digital.
Luana Maria da Luz Barbosa	Palestrante	Terceiro Setor	Sul	Uma jovem travesti nascida e criada na comunidade do Ibura periferia da Zona Sul de Recife/PE, onde atua com foco especial em questões voltadas à juventude LGBTQIAPN+ periférica e à governança da Internet. Graduada em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Diretora Executiva da Pajubá Tech uma organização sem fins lucrativos dedicada ao empoderamento econômico por meio da tecnologia e inovação. Atua também com advocacy e oferece consultoria em D&I. Alumna na Escola de Governança da Internet no Brasil e da Escola Internetlab, integrou a delegação 2024 do Programa Youth Brasil do Comitê Gestor da Internet. Em reconhecimento ao seu trabalho, recebeu o Prêmio Semeadores das Políticas Públicas de Juventude e o Prêmio Empreendedor Social do Jornal Folha de São Paulo ambas na categoria jovem. Além disso, é embaixadora do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) e também embaixadora da Conferência Brasileira em Harvard e MIT.



## 2. Estruturação do painel

### a. Objetivos propostos e atingidos:

O painel teve como principais objetivos:

- Promover um debate disruptivo sobre como as tecnologias podem ser integradas ao cotidiano das periferias, com foco no empoderamento, soberania digital e uma governança democrática e colaborativa.
- Refletir sobre como diversas tecnologias - desde as plataformas digitais e internet até as ferramentas de inteligência artificial - podem ser apropriadas pelas comunidades para subverter narrativas de exclusão e criar novos espaços de autonomia e participação ativa.
- Abordar em que medida tecnologias variadas, quando aliadas a uma governança digital inclusiva e colaborativa, podem se tornar ferramentas estratégicas na superação de desigualdades e na criação de soluções voltadas às necessidades locais.
- Explorar os desafios e oportunidades da implementação de tecnologias emergentes em contextos vulneráveis, com ênfase na participação ativa das comunidades no desenvolvimento de políticas tecnológicas que gerem novos modelos de organização social.
- Estimular o pensamento crítico e a construção coletiva de caminhos para o futuro, onde a tecnologia seja utilizada como uma aliada na promoção da justiça social e da soberania das periferias.

### b. Resultados propostos e atingidos:

O workshop abordou:

1. Como a educação popular e as novas tecnologias podem quebrar a estrutura excludente da tecnologia e empoderar grupos historicamente marginalizados.
2. Uma soberania digital popular, que garanta que as comunidades periféricas sejam criadoras e influenciadoras da tecnologia, não apenas consumidoras.
3. Iniciou o debate de criação de uma cartilha colaborativa futura, que incluirá um mapeamento de possibilidades e organizações, com foco em metodologias de educação popular para a co-criação e uso de novas tecnologias.

### c. Justificativa em relação à Governança da Internet:

A relevância do tema para o debate sobre Governança da Internet está enraizada em sua abordagem transformadora e participativa de como as periferias podem se apropriar das tecnologias emergentes para moldar seu próprio futuro digital. O painel apresentou uma conexão direta entre soberania digital e uma governança democrática e colaborativa, questionando as estruturas atuais que controlam o desenvolvimento e o uso das tecnologias. Ao colocar as comunidades historicamente marginalizadas no centro desse debate, o painel destacou a necessidade de um modelo verdadeiramente inclusivo e representativo das diversas realidades sociais na Governança da Internet.

Em um cenário global onde as tecnologias emergentes estão rapidamente redefinindo as esferas sociais, políticas e econômicas, é fundamental que as discussões sobre esses temas considerem o impacto dessas inovações em comunidades vulneráveis. A educação popular, que envolve o aprendizado colaborativo e a construção de conhecimento a partir da vivência e da realidade das próprias comunidades, é um elemento central nessa discussão. Ela capacita as pessoas a entenderem criticamente as tecnologias e a participarem ativamente na definição de suas políticas.



Ao incorporar a educação popular como uma estratégia de base, o debate se concentrou em como as tecnologias podem ser integradas com os princípios de soberania digital e governança colaborativa, abordando o desafio da Governança da Internet de garantir que todos e todas, independentemente de sua localização ou condição socioeconômica, tenham voz e controle sobre suas infraestruturas tecnológicas.

#### **d. Metodologia e formas de participação desenvolvidas durante a atividade:**

A metodologia do painel incluiu uma rodada inicial de exposições curtas das e dos palestrantes para garantir tempo para interação com a plateia. As falas iniciais abordaram diferentes facetas do tema, preparando o terreno para um debate mais aprofundado na sequência. A participação foi incentivada tanto para o público presencial, que podia fazer perguntas no microfone, quanto para o público online, que podia enviar intervenções pelo chat do YouTube. As perguntas foram organizadas em blocos para facilitar as respostas das e dos painelistas. A relatora teve um papel participativo na condução das rodadas de perguntas e, ao fim, recapitulando os principais pontos abordados pelas e pelos palestrantes.

### **3. Síntese dos debates**

- **Milena Cramar (moderação):** No início do workshop Milena Cramar, após fazer sua audiodescrição e dar boas vindas aos e às participantes, explicou que o tema hackeando o futuro se refere a romper com a forma e a estrutura com que a tecnologia se moldou e se solidificou ao longo dos anos, que atualmente exclui e marginaliza grupos específicos da tomada de decisão. Ela enfatizou que hackear o futuro é hackear no sentido mesmo de subverter o sistema, tanto na cocriação de tecnologias quanto no uso das existentes. A educação popular é vista como a ferramenta para novas metodologias, permitindo co-criar tecnologias e desmistificar conceitos técnicos que afastam a população.
- **Vitória Santos (palestrante):** Vitória Santos, representante da Comunidade acadêmica e científica, abriu a mesa compartilhando sua experiência no âmbito da tecnologia e da educação popular. Vitória Santos explicou que a educação popular freiriana, base do painel, busca ser o modelo principal de educação, pois o atual não forma cidadãos críticos. Sua trajetória começou na educação, moldando sua forma de ver a tecnologia. Destacou que a educação popular iniciou na década de 50, valorizando os saberes populares e educando para a transformação social, em contraste com a educação tradicional voltada para formar trabalhadores. Ela compartilhou a experiência de um evento de conectividade centrada em comunidades, que reuniu líderes de diversas comunidades (quilombolas, ribeirinhas, urbanas, indígenas) para dialogar com outros setores, utilizando rodas e círculos de pessoas para promover a equidade de vozes e a apropriação dos saberes. O sucesso do evento, que motivou jovens a pensar em soluções e novos projetos, mostrou a importância de multiplicar vozes e incluir as comunidades na criação de tecnologias que sirvam às suas necessidades.
- **João Carrilho (palestrante):** João Carrilho seguiu com os debates do painel, tendo sua fala girado em torno da questão: com base na criação da Corre Social, como o setor privado pode contribuir para que as tecnologias desenvolvidas tenham mais espaço e reconhecimento? João Carrilho apresentou a Corre Social, que nasceu como uma ONG para criar uma rede social de brasileiros para brasileiros, focada em renda, cultura, artistas, eventos, serviços, vagas e cidadania, sempre priorizando o que está perto da comunidade. A Corre Social evoluiu para um negócio social,

4/8



focado em automatizar o trabalho manual e repetitivo de servidores públicos e trabalhadores de ONGs, para que possam se concentrar na gestão e no atendimento humano. Ele explicou que negócios de impacto social visam entregar impacto, mensurando o retorno social sobre o investimento. João propôs um programa de inovação para a população vulnerável, com fomento de governo e empresas, mapeamento de demandas e a participação de moradores na criação e posse das soluções. Ele defendeu uma "transformação radical" no meio brasileiro, com a criação de novos meios digitais, e que a diversidade é fundamental para isso, pois ela "dá esse poder" de encontrar respostas e criar plataformas que realmente sirvam à população.

- **Luana Maria (palestrante):** Luana Maria teve como pergunta guia: quais estratégias podem garantir que a tecnologia seja criada a partir das necessidades das comunidades, e não apenas imposta a elas? Luana Maria, diretora executiva da Pajubá TECH, compartilhou sua experiência como ativista LGBTQIAPN+ e o contexto de transfobia em Recife, sua cidade. A Pajubá TECH foi fundada para desenvolver tecnologias sociais focadas em raça, gênero e acessibilidade, ajudando empresas a criar políticas de inclusão e usando a tecnologia para gerar diversidade e transformação social. Ela apresentou o Pajuzap, um chatbot integrado ao WhatsApp para receber denúncias de violências contra mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, direcionando-as a equipamentos públicos e auxiliando no mapeamento de dados para instrumentalizar políticas públicas. Luana ressaltou a importância de difundir o conhecimento básico sobre racismo e transfobia antes de debates mais complexos sobre governança da internet. Ela enfatizou que a luta contra a discriminação é contínua e que a presença de corpos diversos em espaços de decisão é fundamental para criar construções que reflitam a nossa realidade.
- **Brisa Bracchi (palestrante):** Brisa Bracchi finalizou as exposições respondendo a seguinte pergunta: quais os exemplos concretos de iniciativas que tenham promovido justiça digital e fortalecimento da autonomia tecnológica de periferias, no contexto de Natal? Brisa Bracchi apresentou as ações de seu mandato em Natal, incluindo a campanha "Tire meu rosto da sua mira" contra o reconhecimento facial na segurança pública. Mencionou a participação em workshops sobre violência de gênero na internet e projetos de lei para educação midiática e combate a fake news nas escolas públicas. Destacou o programa "Tech Black" do governo do Rio Grande do Norte, que capacitou jovens negros em programação, como uma política pública concreta para inclusão digital e reparação histórica. Brisa defendeu o cursinho popular Dona Militana, que usa a educação freiriana para conectar os jovens às problemáticas da realidade e construir estratégias coletivas de superação. Para ela, "hackear o futuro" é subverter a ordem para construir uma internet que seja campo de transformação social, e não palco de violação de direitos, desinformação e aprofundamento de desigualdades. Ela enfatizou que a "soberania digital popular" só se dará com a participação dos territórios, corpos e vozes, e que a educação popular é crucial para "reencantar as nossas subjetividades" e direcionar o desejo dos jovens para a transformação social.

### Perguntas e respostas da audiência:

1. **Eduardo Borba (Online)** - Qual é a principal atuação do corre social?
  - a. **João:** A Corre Social, inicialmente um aplicativo sem fins lucrativos para socialização de brasileiros, hoje foca em uma plataforma para automatizar trabalhos manuais e repetitivos de servidores públicos e colaboradores de ONGs, permitindo que eles se concentrem na gestão e estratégia das organizações, e no atendimento humano.



2. **Wilson Guilherme (Presencial):** Como é que a gente pode pensar em construir soberania digital usando ainda as ferramentas da Casa Grande?
  - a. **Brisa:** Respondeu que é preciso ""limitar ou quiça desmontar os poderes da Casa Branca e aquilombar as nossas ações, fortalecer os nossos quilombos, como um caminho pra gente poder conseguir construir essa transformação"". Ela acredita que, embora os poderes da ""Casa Branca"" sejam gigantes, é possível construir coletivamente a força para limitar esses poderes e construir novas perspectivas.
3. **Marcelo Fornazim (Presencial)** - Como é que vocês veem a possibilidade de criar um espaço seguro para que essas tecnologias também não sejam apropriadas por outros fins do que elas foram construídas, a exemplo do software livre?
  - a. **João:** Destacou que a apropriação correta de tecnologias, como o software livre, é muito valorosa. Ele reiterou que para apropriar ""direito disso"", será necessário tomar ""medidas drásticas que não vão ser boas para todo mundo que tá viciado no feed"" e no uso das tecnologias atuais. Ele acredita que, se feito ""junto"", será uma grande vitória para o país.
4. **Thiago (Presencial)** - De que forma é que o governo deveria implementar, para além de promover somente a moradia, para além de promover um teto sobre essas pessoas, mas de que forma levar educação popular e uma educação de qualidade para que essas pessoas também tenham acesso a essa educação e a essa governança da internet?
  - a. **Brisa:** Citou o programa Tech Black do governo do Rio Grande do Norte, que capacitou 300 jovens negros em programação, como um exemplo de política pública concreta para inclusão digital, promoção da diversidade e reparação histórica. Ela também mencionou a importância de cursinhos populares, como o Dona Militana em Natal, que oferecem uma educação freiriana conectada com as problemáticas da realidade e a construção coletiva de superação.
5. **Bianca Galvão (Presencial)** - Pensando um pouco nessa perspectiva de educação popular e pensando no programa YOUTH, por exemplo, que é um programa que busca democratizar a governança da internet para juventudes, eu quero saber o que que vocês conseguem me dizer, o que vocês pensam, enfim, como é que vocês conseguem elaborar isso, quando a gente pensa que, por exemplo, os encontros do YOUTH se dão majoritariamente aos sábados de manhã, às 9 horas no horário de Brasília, Mas se a gente vai pensar no Acre, por exemplo, esses encontros são 7 horas da manhã, 8 horas da manhã, e como isso prejudica a participação por exemplo de pessoas acrianas ou pessoas rondonienses, considerando a mudança de horário, e como isso afeta também a participação das periferias, não urbanas mas nacionais, como a Amazônia tem sido representada, as cidades da região norte, etc.
  - a. **Vitória:** reconheceu que o horário dos encontros do programa YOUTH é uma questão que complica a interação de todos, especialmente para quem trabalha ou está em fusos horários diferentes. Ela observou que o YOUTH tem tentado resolver isso, inclusive criando reuniões síncronas, e sugeriu que um horário à noite poderia fazer mais sentido para a participação.
  - b. **Luana:** Destacou que, antes de falar sobre governança da internet, é preciso garantir que os jovens tenham suas necessidades básicas atendidas, como comida e moradia. Ela sugeriu que o pedido para levar em consideração os fusos horários e questões socioeconômicas no programa YOUTH seja formalizado e que um documento seja realizado para garantir uma participação ampla de todas as juventudes periféricas, não se restringindo aos centros urbanos.



- c. **Milena:** Milena, que participou do YOUTH, concordou que a questão vai além do horário e que é essencial que os avisos sobre encontros síncronos sejam dados com antecedência para que as pessoas possam se organizar. Ela destacou a importância de diversificar cada vez mais os participantes do programa, que ainda tem uma concentração de pessoas da área do direito, e a necessidade de levar o programa para outros lugares e comunidades.
6. **Paulo Rená (Presencial)** - Pensando num longo prazo, como vocês veem estrategicamente a postura que se deveria assumir nesse tipo de hackeamento? A ideia é continuar comendo pelas beiradas e tentando driblar as dificuldades ou existe uma ideia, uma proposta de fazer dessa educação popular para substituir o modelo hegemônico tradicional de educação?
- a. **Vitória:** Vitória afirmou que a educação popular freiriana é vista como a proposta que deveria se tornar o modelo principal de educação. Ela acredita que o modelo de educação atual não forma cidadãos críticos e que a educação popular seria a forma de educação utilizada em todos os espaços para transformar a realidade.
- b. **Brisa:** Brisa, utilizando a poesia, respondeu que é preciso ""limitar ou quiça desmontar os poderes da Casa Branca e aquilombar as nossas ações, fortalecer os nossos quilombos"". Ela acredita que essa é a forma de construir a transformação, e que a educação popular é uma ferramenta para ""reencantar as nossas subjetividades"", direcionando os jovens para a construção de uma nova sociedade e a transformação social.
- c. **Milena:** Milena, a moderadora, complementou que, pessoalmente, acredita que ""não adianta comer pelas beiradas e a gente só pensar nessa questão da tangente"". Ela defendeu que é preciso ""de fato pleitear um novo modelo, um novo sistema, uma nova forma de fazer tecnologia, de pensar tecnologia"".



#### 4. Identificação de consensos, dissensos e pontos a aprofundar

TIPO DE MANIFESTAÇÃO	CONTEÚDO	CONSENSO OU DISSENSO	PONTOS A APROFUNDAR
Posicionamento	É necessário "hackear" o sistema da tecnologia para subverter a exclusão e marginalização de grupos específicos na tomada de decisão.	Consenso	Detalhes sobre as estratégias para "hackear" o sistema e como mensurar o sucesso dessas subversões.
Posicionamento	A soberania digital popular é crucial, garantindo que as periferias sejam criadoras e influenciadoras da tecnologia, não apenas consumidoras passivas.	Consenso	Quais são os mecanismos para assegurar que as comunidades periféricas se tornem protagonistas na criação e governança da tecnologia.
Proposta	Criação de um programa de inovação para a população vulnerável, com fomento de governo e empresas, mapeamento de demandas e participação de moradores na criação e posse das soluções.	Consenso	Detalhamento das fontes de financiamento e dos processos de mapeamento de demandas e cocriação.
Proposta	Utilização de ferramentas como chatbots para denúncias de violência e mapeamento de dados para instrumentalizar políticas públicas.	Consenso	Estratégias para garantir a segurança e a privacidade dos dados coletados por essas ferramentas.
Proposta	Fortalecimento de cursinhos populares que utilizam a educação popular para conectar os jovens às problemáticas da realidade e construir estratégias coletivas de superação, incluindo debates sobre letramento digital e soberania digital.	Consenso	Como expandir a rede de cursinhos populares e integrar suas metodologias ao ensino formal.
Posicionamento	É fundamental a presença de corpos diversos em espaços de decisão para criar construções que reflitam a realidade das comunidades.	Consenso	Métodos eficazes para promover a diversidade e a inclusão em todos os níveis da governança da internet e desenvolvimento tecnológico.
Posicionamento	A questão do horário dos encontros do programa YOUTH, que prejudica a participação de pessoas em diferentes fusos horários e com outras responsabilidades, precisa ser revista.	Consenso	Propostas de horários alternativos ou modelos de participação mais flexíveis para o programa YOUTH e iniciativas similares.
Proposta	Criação de uma cartilha colaborativa para comunidades e organizações, visando metodologias de educação popular para cocriação e uso de novas tecnologias.	Consenso	Definir o cronograma para a criação da cartilha, os participantes e o processo de cocriação.

